

RODRIGO LOPES CARDOSO

PEIXE FORA D'ÁGUA

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2020

I

A CHEGADA E OS PRIMEIROS DIAS

Parafraseando William Shakespeare, há mais mistérios entre o céu e a terra do que nossa vã filosofia possa imaginar. Assim é quase tudo, repleto de mistérios. Desanuviamo-los. Pelo menos, alguns deles.

Domingo, 19 de Junho de 2011, Rio de Janeiro – 5 horas da manhã...

Dormia um sono paradoxal: profundo e ao mesmo tempo agitado por pesadelos o jovem Mariano Vieira, de 25 anos. Sentia que algo lhe aconteceria, mas não sabia bem. O computador ligado. A persiana fechada em seu quarto, velando seu sono. Embalado ao som de Racionais MC's, que colocara antes de dormir pra repetir até cansar, até ele acordar.

“Um homem na estrada recomeça sua vida, sua finalidade: a sua liberdade, que foi perdida, subtraída... Esse é o palco da história que por mim será contada. Um homem na estrada...”

Era um estudante de Direito que havia tentado fazer duas faculdades ao mesmo tempo, conciliar com o curso de Ciências Sociais, mas trancara este último no segundo período, e estava prestes a fazer isso com o Direito, no qual estava no quarto ano. Estava insatisfeito com as faculdades federais que cursava, com a burocracia, as faltas dos professores, e com as oportunidades que então entendia como não sendo profícuas

ou compensatórias para ele. Na verdade, não engolia instituições nem o sistema.

Fora um prodígio nos estudos, mas agora pensava em largar tudo. Não tinha paciência naquele momento para a politicagem do mundo acadêmico. Morava só com a mãe, era filho único, no bairro de Copacabana, na Rua Barata Ribeiro, quase na esquina com a Rua Barão de Ipanema.

Tinha crescido ali no bairro. Chegara aos quatro anos de idade, quando falecera seu avô, então Capitão de Mar e Guerra da Marinha, o equivalente em terra a Coronel do Exército. Tinha deixado uma pensão para as filhas solteiras, e era disso que viviam sua mãe e ele. O dinheiro não era muito, mas nem tão pouco. Vivia num pequeno apartamento alugado, de dois quartos, num prédio antigo e de poucos andares e moradores.

Todos — ou quase todos — os seus amigos estavam ali, no bairro e nos bairros adjacentes, na Zona Sul da cidade, a área mais nobre. Estudara a vida toda no colégio Pedro II, no Humaitá, até largá-lo no terceiro ano. Ia de ônibus, geralmente sozinho, para a aula e questionava quase tudo lá, inclusive a precariedade da educação pública, as greves, etc.

A academia de artes marciais que frequentara durante toda a adolescência, as lojinhas da Nossa Senhora de Copacabana, a praia onde jogava futebol e corria no fim da tarde, tudo ali o identificava, fincara raízes ali.

Ah, mal falei sobre sua mãe: estava acordada. Tinha ficado ao telefone até de madrugada. Fato este percebido e logo ignorado pelo filho, que foi dormir, como de costume na época, lá pras duas da manhã, meio preocupado com os conflitos entre eles.

Algo estava se passando...

Logo que amanheceu, chegaram Márcio Taurus e Éder pra encontrar sua mãe. Ela estava lá fora, no portão. Era com o pessoal de São Paulo que ela estava no telefone durante a noite.

— Bom dia, senhora. Dona Cláudia, né?

— Bom dia.

Ela respondeu, fazendo uma pequena pausa antes de continuar.

— Sim, Cláudia sou eu.

— Ô, demoramo pra achar, mas achamo — disse Taurus a Éder e a ela, retirando seu corpo largo do Corsa que os conduzia de São Paulo até ali.

— Seu filho está aqui? — indagou à Cláudia e apontou para cima, para o pequeno prédio de três andares.

— Sim — respondeu ela. — Venham por aqui, por favor.

Cláudia abriu o portão principal, e eles começaram a subir as escadas.

— Seu filho é agressivo? Já foi internado? — perguntou Éder, um dos que falara com ela ao telefone.

— Depende... Não costuma ser... Já foi internado por causa de droga, sim, mas tava bem...

Pararam na porta do apartamento. Ela abriu a porta da sala com a chave e ficou parada na parte de fora do apartamento, quando Márcio a advertiu:

— Acho melhor a senhora ficar aqui, que já saímos com ele.

Ela assentiu. E retornou dizendo que iria descer, que iria esperar lá embaixo. Ele disse “ok” e prosseguiu, dirigindo-se ao companheiro:

— Vem, Éder.

Taurus e Éder, uma vez aberta a porta, penetraram na sala em direção ao quarto que estava com a porta fechada e a música alta. A adrenalina tomava conta deles.

Márcio Taurus, um homem de aparência cabocla, de mais ou menos 1,78m, extremamente forte, adornado por

algumas tatuagens. Dentre elas, em uma, lia-se: “Só por Hoje”, no antebraço direito; cabelo raspado nas laterais e curto em cima também. Um nariz curto e fino. Rosto abatido pela vida, porém de olhar e expressão decididos e voz grave. Estava acostumado com remoções de dependentes químicos para a clínica na qual trabalhava também como coordenador adjunto.

A porta do quarto estava fechada, porém estava destrancada. E Taurus a abriu sorrateiramente, ocupado em não fazer ruídos. Olhou para trás, seu colega o acompanhava. Era uma figura um pouco acima do peso, cabelos para cima, com gel, olhos verdes, um pouco mal-humorado, todavia articulado e experiente na vida e no trabalho.

Taurus notou logo que Mariano estava mesmo dormindo. Era alto, magro, tinha os cabelos pretos. Notou também uma porção que parecia de maconha sobre a mesa onde situava o computador ligado com o som. “Lamentável o estado desse maconheiro...”, pensou. Então, pensando de antemão em como imobilizá-lo e em como agir se Mariano resistisse, cutucou-o, dizendo:

— Bom dia, Mariano?

Mariano abriu um olho, fazendo cara feia, ainda muito sonolento.

Prosseguiu Taurus, já pegando nos dois antebraços de Mariano com força, com Éder atrás, atento:

— Mariano, bom dia, a gente veio salvar sua vida. Clínica Refazer. Você está internado, tá? Vai se aprontando pra gente ir. Sem dificuldades. Tá bom?

A reação de Mariano já era diferente, misturando espanto e desalento, mil questões passavam pela sua cabeça naquela fração de segundos, vendo aquela sombra larga.

— De novo? Quem está me internando?

— Uma pessoa que te ama, né?...

— Minha mãe... — completou.

Pela cara do seu interlocutor, percebeu que era ela mesmo e que era sério. Continuou argumentando:

— Mas minha mãe é alcoólatra. Me parece que está parada, mas como ela acha que pode me internar?

— Não tô sabendo de nada disso. Parece que ela sabe se cuidar. Ela quer te salvar, você que está no uso abusivo de drogas!

Taurus já o segurava com força. O clima era de saber se haveria reação truculenta, resistência à internação. Márcio estava preparado para tudo, tinha até uma faixa de jiu-jitsu para imobilização com ele.

Éder retirou da mesa uma tesoura de unhas que havia e a guardou em seu bolso para não correrem o risco de serem perfurados. Mariano viu que poderia levar prejuízo e permaneceu calmo, não querendo ser amarrado. Sentou-se na cama e disse:

— Calma, pode me soltar, eu vou na moral

Levantou o pescoço e olhou ao redor, pra ver quantos eram que estavam no seu quarto. Viu Éder na porta, encostado, e lhes disse:

— Me dá só um tempo pra arrumar minha mala. Onde é essa clínica? Quanto tempo as pessoas ficam lá, em média?

Notava que eles não usavam uniforme, diferentemente do pessoal da última clínica que sua mãe chamara.

— É em Vinhedo, São Paulo. Pega roupa de frio, cueca. Bora, bora... Temo que sair daqui logo pra chegar lá... O restante, a gente te fala no caminho... Rapidão... Dá essa ajuda pra gente — Éder respondeu com a chave do carro na mão. Márcio ainda o segurava e olhava fixamente em seus olhos, sem falar nada.

Durante a arrumação apressada das coisas que iria levar, pegou cuecas, meias, um casaco azul da Redley que tinha,

um tênis meio velho, uma escova de dentes e uma pasta — conhecia aqueles ambientes no interior de São Paulo, já havia sido internado em Atibaia, cidade vizinha, três vezes no ano anterior. Sua mãe sempre o tirava antes de vencer o contrato e arcava com a multa.

Esqueceu-se de levar muita coisa naquela pressão: toalha(s), desodorante, uma calça. Não acreditava que precisasse de internação naquele momento, mas ela com certeza iria acontecer, ela estava paga, certamente, assim como o resgate, e aquilo não era barato.

Pegou tudo com pressa, até para não criar já conflitos com o pessoal e tomar um mata-leão (dar uma gravata era praxe, assim como imobilizar e desacordar para o transporte), ir amarrado até lá era comum e ele sabia disso, resistiu nas primeiras internações e passou por isso.

Foi avisado, por meio de eufemismos, do procedimento, que já conhecia bem. Queria evitar mais desgastes e problemas. Pensou, ao mexer em seu armário para pegar as coisas, em testá-los de alguma maneira: pensou em falar que não queria ir, que tinha esse direito, que não havia mandado de prisão contra ele, que deveria possuir direito à ampla e plena defesa, contraditório, devido processo legal. Até tentou iniciar uma conversa nesse sentido, dizendo que amarrar era torturar, mas, rechaçado por olhares e pelo tom de voz dos interlocutores, desistiu do papo. Viu que o levariam de qualquer maneira mesmo. O serviço estava contratado, bem planejado, pago e sua mãe e eles não mudariam de ideia.

O clima estava meio tenso. Não se sabia, de parte alguma, o que aconteceria. Havia ali um clima de desconfiança.

Mariano resolveu logo a arrumação; Taurus disse que ainda havia tempo, mas que seria bom irem logo para o carro. Desceram, Taurus segurando Mariano, atento aos seus movi-

mentos e fala. Eram seis em ponto e não havia testemunhas nas janelas nem na portaria. Nem pensou em correr pela rua, estava bem agarrado.

Vendo que o resgatado estava calmo e sóbrio, Taurus resolveu não amarrá-lo e ir ao seu lado no banco de trás do carro. Diferentemente de outras vezes, não iria de ambulância.

Foi um momento muito triste entrar no carro, abandonar sua cidade e sua casa por tempo até então desconhecido.

O contrato, Éder estava resolvendo com Cláudia, que rapidamente assinou o mesmo, lá fora, abalada, quase sem ler. Havia passado a tarde e o início da noite anterior debruçada sobre tal assunto, qual fosse, e se valeria novamente a internação de seu único filho e que jeito daria nele.

Foram sete ou oito horas de viagem. Éder sempre dirigindo e perguntando o caminho, até sair da cidade e chegar na Rodovia Presidente Dutra. Por ali, orientou-se melhor. Taurus sempre ao lado de Mariano, estudando seus movimentos. Pouco se falava no início, só algumas palavras e gracejos eram trocados entre Taurus e o motorista, velhos conhecidos.

Taurus perguntou no início da viagem se Mariano não achava melhor tomar algum remédio, era enfermeiro e a clínica possuía um médico, que, aliás, parecia ser um dos donos ou o dono do recinto. Ele não quis o remédio, disse estar tranquilo.

Haviam ido uma vez no acostamento da estrada para urinar, mas isso fazia horas. Mariano dizia estar com fome agora, não havia sequer tido tempo de tomar café da manhã. Resolveram parar, após aproximadamente cinco horas viajando de carro, para urinar no banheiro de um posto de gasolina e comer algo numa loja de conveniência.

Mariano olhou no relógio de lá, e eram 11h15min. Pelo sotaque da atendente, pareciam já estar algum lugar de São Paulo, talvez Arujá. Comeu um salgado de queijo e presunto,

tomou um mate e, de sobremesa, comeu um chocolate pequeno. E só. Circunstâncias adversas como a que vivia no momento o faziam perder a fome. Era traço de sua personalidade isso. Mas sabia que precisava comer. Comeu só isso. Os outros dois comeram um salgado com o dinheiro que Cláudia havia dado.

A este ponto, sabia um pouco da estória de Taurus, pelo que conversaram. Seu pai havia falecido quando ainda era criança, sua mãe que cuidara dele. Ele trabalhara, desde a juventude, para o SAMU de São Paulo, capital, como enfermeiro. Agora, devia somar seus trinta e poucos anos, havia tido problemas com cocaína e depois dado entrada num auxílio-doença, entrado pra Irmandade de Narcóticos Anônimos e ido para o interior trabalhar como enfermeiro em uma casa de reabilitação. Depois foi pra outra, outra, até chegar à Clínica Refazer, onde auxiliava com as medicações, mas também era coordenador adjunto, agora na Unidade Dois, que ficava em Louveira, vizinha à Vinhedo.

Pelo que percebera até ali, ainda na viagem, indo para lá, pelos trajes, modos, costumes, falas, etc. dos dois — e pelo fato de não haver ambulância —, esta clínica devia ser mais violenta que a anterior, sinistra, com menos recursos, menos tolerante.

Taurus havia comentado que tinha outro carioca lá. Também de Copacabana, seu nome era Roniel. Contou que tinha ido também com o Éder fazer um resgate recentemente lá no Rio, tirá-lo de um manicômio judiciário para transferi-lo, a pedido de sua mãe, que havia conseguido a liberação do filho lá de Água Santa, subúrbio do Rio de Janeiro, para uma clínica. Taurus contava com entusiasmo este resgate singular. Disse que Roniel fora lutador profissional, que era faixa preta de Jiu-Jitsu Gracie e falava com ênfase da luta que o mesmo havia mostrado no YouTube para provar suas habilidades para os internos e coordenadores.

Este livro foi composto em Sabon LT Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen soft 80 g/m², em julho de 2020.
